

As condições de possibilidade do conhecimento sociológico: a constituição processual da sociologia segundo Norbert Elias*

The conditions of possibility of sociological knowledge:
the gradual constitution of sociology
according to Norbert Elias

Las condiciones de posibilidad del conocimiento sociológico: la constitución procedimental de la sociología según Norbert Elias

Recebido em 16-06-2021

Modificado em 28-08-2021

Aceito para publicação em 30-11-2021



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i1.38300>

38

 **Daniel Costa Farias**

Doutorando em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Mestre em sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. E-mail: fcostdaniel@outlook.com

Resumo

Este texto analisa como Norbert Elias pensa a influência dos processos de desenvolvimento social do conhecimento na constituição da sociologia. Seguimos três etapas. Primeiro, demonstramos o conceito de *Processo* em Elias. Depois, verificamos como o autor entende a constituição da sociologia. No fim, mostramos a relação entre os processos históricos de produção de conhecimento e a constituição da sociologia. Aqui vamos evidenciar a importância, segundo Elias, da evolução do conhecimento com as dinâmicas de longo prazo do desenvolvimento social e, igualmente, da composição da sociologia enquanto uma ciência relativamente autônoma. Partimos da perspectiva de que, para Elias, o patrimônio social de conhecimento em constante expansão possibilitou um método científico adequado para analisar a sociedade. Utilizamos a pesquisa bibliográfica como metodologia. Assim, pesquisaremos um ponto pouco explorado nos trabalhos de Elias.

Palavras-chave: Norbert Elias; conhecimento; processo; sociogênese.

* Este trabalho é uma reformulação de uma apresentação minha em um Grupo de trabalho na ANPOCS de 2019, na cidade de Caxambu – MG.



Introdução

O conhecimento é um processo que depende de condições sociais específicas, pois está sempre em devir. Esse é um dos pontos de partida da sociologia do conhecimento e epistemologia de Norbert Elias.

Tema constante em seus últimos estudos, dos anos de 1960 até sua morte, a presença dessa problemática não indica a elaboração de um conceito fechado de conhecimento. Pelo contrário. O que Elias pretende é abrir o debate, utilizando uma perspectiva global com o constante auxílio de outros saberes na elaboração de suas análises.

A sociologia de Elias ficou mais famosa devido ao livro *O processo civilizador*. Entretanto, o sociólogo alemão escreveu muitos textos acerca da sociologia enquanto ciência e possibilidade de conhecimento. Para o autor, ainda existe muita confusão sobre o que realmente é o conhecimento. Sem contar o que faz exatamente um cientista social, quais métodos utiliza, as teorias que desenvolve, a forma como se porta enquanto pesquisador etc. Essas indagações e estudos de Elias são os menos comentados na literatura sociológica e, como apontam Rojek (1986) Layder (1986) e Van Krieken (2005), são os pontos mais problemáticos de sua obra. No entanto, em virtude da posição no panteão dos grandes teóricos das ciências sociais, cabe analisar brevemente a sociologia do conhecimento de Elias e suas contribuições.

Convém salientar que o sociólogo segue um caminho distinto de muitas abordagens filosóficas das ciências e conhecimento como as propostas por Popper (1959), Kuhn (1962), Kant (1990), Bachelard (1996) Foucault (2009) e Nietzsche (2017). Também segue caminho distinto de abordagens sociológicas, como Mannheim (1972) e Berger & Luckman (1978). Possivelmente, tenha algo em comum com Bourdieu (2004). Elias sugere uma proposta que diverge em maior ou menor grau de alguns autores importantes nesse debate. Sua contribuição é outra e apresenta uma nova perspectiva para compreender o fenômeno social do conhecimento com a complexificação do tecido social. No entanto, para Elias, o que torna possível na sociedade (e nos indivíduos) o conhecimento sociológico?

O principal objetivo do nosso texto é analisar a influência dos processos de desenvolvimento social do conhecimento na constituição da sociologia, segundo Elias.

Assim, nossa escolha por estudar esse ponto ocorre por três motivos. Primeiramente pelo lugar que Elias ocupa na *teoria social contemporânea*. Seu pensamento é fundamental para oferecer mais uma compreensão sobre vários fenômenos sociais. Em segundo lugar pelo fato de o autor oferecer análises que buscam integrar vários saberes em conjunto para compreender aspectos processuais do conhecimento. E, por último, por acreditarmos que Elias se interessa

bastante pelo tema da construção do conhecimento, principalmente na percepção da possibilidade e constituição da sociologia a partir de uma leitura processual e configuracional.

Este artigo tem três partes. Na primeira, para situar o debate, demonstraremos brevemente o conceito de *Processo* em Elias. Na segunda parte verificaremos como o autor entende a constituição da sociologia, tendo como base os seus escritos sobre o conhecimento. Por último, mostraremos a relação entre os processos históricos de produção de conhecimento e a constituição da sociologia. Partimos da perspectiva de que, para Elias, o patrimônio social de conhecimento em constante expansão possibilitou um método científico adequado para analisar a sociedade.

Processos sociais: as direções das formas de conhecimento

Norbert Elias desenvolveu uma abordagem sociológica dos processos sociais voltada para a análise da formação e transformação das maneiras como os indivíduos convivem em redes de interdependência (Heinich, 2001). Essa abordagem também está interessada em compreender as alterações estruturais nas sociedades que ocorreram ao longo de séculos e para a construção de um campo de conhecimento sociológico interdisciplinar que considere não apenas o saber sociológico, mas uma gama de outros saberes conectados com a finalidade de entender melhor a realidade dos fenômenos sociais (Kilminster, 2007).

Segundo Ribeiro (2010), a abordagem de Elias foca primeiramente na mudança intermitente de modelos sociais de relacionamento, na transformação e mudança de padrões de sentimentos e emoções, como também na sucessão de eventos ao longo da história que concebem, de maneira complementar, novas estruturas sociais e de personalidade. Elias (1990) observou que as complexas mudanças sociais são processos cujas direções específicas seguem um fluxo e apresentam regularidades passíveis de observação sociológica. Para o autor, esses processos são cegos, mas com direções determinadas pelo tipo de relação que se estabelece entre pessoas interligadas. São consequências imprevisíveis de ações, muitas vezes inconscientes, de pessoas vivendo juntas em sociedade, aponta Ribeiro (2010).

Salientamos: a sociologia de Elias oferece ferramentas de análise que devem considerar a multiplicidade das relações humanas. Pois, como explica Heinich (2001), não existe no autor uma proposta teórica que ofereça modelos estáticos, válidos para qualquer aplicação e explicação.

Assim, Elias (2005) comenta que, corriqueiramente, encontramos uma polarização estrutural do próprio campo de conhecimento sociológico. Dicotomias como

indivíduo/sociedade, universal/particular e subjetivo/objetivo são características do próprio desenvolvimento da sociologia como disciplina. O autor apresenta, no que lhe concerne, uma proposta que visa ultrapassar as dicotomias presentes em muitas das correntes sociológicas, pois compreende o objeto de estudo da sociologia como parte de um processo de longa duração sobre o qual intervêm as mais diferentes configurações e processos sociais (Ribeiro, 2017).

Contudo, isso não significa que o autor invalide as teorias que utilizam essas dicotomias. Porém, aponta os limites em que essas mesmas teorias tropeçam para então lançar as bases de sua compreensão sociológica sobre as relações sociais. Desse modo, explica Heinich (2001), um passo decisivo na direção de uma superação de uma dicotomia como indivíduo/sociedade seria uma visão processual que situe o objeto de pesquisa no interior de uma longa trajetória sócio-histórica a ser analisada e compreendida.

O estudo processual de Elias sugere uma análise histórica de uma determinada configuração social. Sua pesquisa processual não segue um caminho linear, prefere expandir-se como uma teia e explicar as redes de interdependência que ligam várias pessoas (Quintaneiro, 2010). Esse tipo de estudo olha o passado em termos de fases, estágios impessoais. Com isso, Elias propõe o conceito de *Processo*, que oferece uma visão mais detalhada dos estágios ou fases históricas, das sequências de mudanças sociais.

O termo *processo* significa *movimento*, fluidez contínua e imanente. Para Elias, esse conceito diz respeito às mudanças de longa duração de figuras formadas por pessoas:

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figuras formadas por seres humanos ou seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos. Eles independem do fato de o respectivo observador os considerar bons ou ruins. Exemplos disso são: a diferenciação crescente e decrescente de funções sociais, o aumento ou a diminuição do capital social ou do patrimônio social do saber, do nível de controle humano sobre a natureza não-humana ou da compaixão por outros homens, pertençam eles ao grupo que for. Logo, é inerente às peculiaridades dos processos sociais que eles sejam bipolares. Diferentemente do processo biológico de evolução, os processos sociais são reversíveis. Surto em uma direção podem dar lugar a surtos contrários e ambos podem ocorrer simultaneamente (Elias, 2006:27-28).

Como são produtos da relação de interdependência entre pessoas, os processos podem seguir direções inesperadas. Assim, mesmo com uma ação orientada (por exemplo: a política) as consequências, se vistas por um período de longo prazo podem diferenciar completamente de ações previamente estabelecidas e sugeridas. Desse modo, não é possível antever os fenômenos sociais com uma exatidão matemática, mas observar suas estruturas e direções que, decerto, podem tomar variados caminhos ao longo do desenvolvimento social (Joly, 2012).

Sobre esse ponto, podemos citar os estudos de Elias (2001b) sobre as sociedades de corte na França do século XVI. Nessa análise, vemos que as atitudes da corte e da nobreza daquele momento visavam basicamente manter o poder e status. Desse modo, foi possível aos nobres da corte conservar não apenas sua posição, mas uma complexa estrutura social. Nesse processo de longo prazo, é possível perceber que as atitudes desse grupo para manter seu status também contribuíram, ao mesmo tempo, para sua decadência enquanto grupo dominante (Ribeiro, 2010).

As ações de indivíduos interdependentes na época da corte francesa, tomadas com o objetivo de conservar ou superar a posição social, criaram uma situação que estava além da capacidade e planejamento daqueles indivíduos. Elias mostra, segundo Smith (2001), que a estrutura social que se formou na corte foi um produto das relações de pessoas e encontrava sua sustentação nas ações dessas mesmas pessoas, em *configurações* específicas.

Sobre esse ponto, Quintaneiro (2010) afirma que os conceitos como *processo* e *configuração* são o pilar da abordagem elaborada por Elias. Sem entender seus principais conceitos a pessoa interessada corre o risco de pouco compreender a obra do sociólogo alemão.

Com seus modelos de análise baseados em pesquisa empírica, Elias passa a se interessar não só pelo modo como aprendemos e desenvolvemos o conhecimento científico, mas também em compreender quais são as condições sócio-históricas que possibilitam uma ciência como a sociologia. Discutiremos esse ponto a seguir.

42

A sociologia e o conhecimento: a perspectiva de Elias

O conceito de *processo* é uma das ferramentas analíticas utilizadas por Elias para entender o *conhecimento* humano, um dos temas mais importantes em que trabalhou dos anos de 1960 até sua morte, principalmente em seus últimos livros e textos publicados.

É lícito apontar que a *Sociologia do Conhecimento* proposta por Elias apresenta uma forte influência de pontos já apresentados por outras tradições filosóficas ou sociológicas, principalmente pela primeira geração de sociólogos como Weber e da geração seguinte, sobretudo Karl Mannheim (Korte, 2013).

Mannheim foi um dos responsáveis pela introdução da sociologia do conhecimento como disciplina científica. Esse autor fez uma análise do materialismo histórico, afirmando que o conhecimento é social e histórico, bem como tem estreita ligação com certas condições do ser social, especialmente das classes (Gusmão, 2011). Em seu principal livro, *Ideologia e Utopia*, discute o conceito sociológico do *Pensamento* numa perspectiva histórica e, de acordo com

Kilminster (2007), sua proposta era elaborar um método sociológico para compreender como os indivíduos pensam na vida pública e na política.

Mannheim (1972) entende que enquanto permanecerem obscuras as suas origens históricas e sociais os modos de pensamento não serão suficientemente compreendidos. Com isso, seu estudo consiste em analisar de que modo a vida intelectual em um determinado momento histórico está relacionada às forças sociais existentes. Ou seja, a Sociologia do Conhecimento de Mannheim propõe uma análise das relações entre a vida social e o pensamento.

Elias concorda em parte com a teoria proposta pelo seu principal mentor. Uma grande diferença entre esses dois autores é que, segundo Kilminster (2013), Mannheim não entendia a concepção do conhecimento científico das ciências da natureza como também entrelaçada às relações de poder e interesses, tal como ocorre nas ciências sociais. Elias, por sua vez, diz Kilminster, conhecia as ciências da natureza muito bem desde sua formação médica inicial e manteve-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos já em desenvolvimento, como podemos ver em seus últimos textos.

A sociologia do conhecimento de Mannheim seria para Elias uma análise que foca no que é e no que não é ideologia (Elias, 2001a). Até aí tudo bem, mas Elias propõe outra interpretação sociológica do conhecimento. Nesse aspecto, uma de suas preocupações centrais é que na sociedade atual ainda é difícil superar o sentimento de que os seres humanos não são totalmente autônomos. Para Elias (2008), essa sensação de uma total autonomia foi bastante reforçada por conceitos e correntes na linguagem filosófica e veio ganhando força desde meados do século XVIII até a constituição e desenvolvimento das ciências sociais.

De modo geral, conforme aponta Ribeiro (2010), podemos afirmar que a perspectiva processual de Elias aborda o conhecimento de duas formas. Uma é questionando as bases filosóficas do saber e a outra é focada nos estudos sobre a maneira pela qual se desenvolve o conhecimento humano. O autor quer demonstrar uma perspectiva mais ampla do modo pelo qual utilizamos e construímos nossos próprios saberes, considerando as orientações e as emoções envolvidas nesse mesmo processo, bem como suas aplicações e implicações no cotidiano.

Assim, Elias (2001a) entende o conhecimento como fundo de diversas representações simbólicas que se desenvolvem nas sociedades ao longo das gerações. Esse conhecimento fica disponível durante um tempo e pode ser modificado no decorrer das épocas. Esse *patrimônio de conhecimento* desempenha uma série de funções sociais e serve como orientação para os membros de uma sociedade.

Conforme aponta Kilminster (2007), Elias propõe essa análise a partir de uma crítica de algumas filosofias do conhecimento e da ciência. É uma crítica realizada para análises que

consideram as propostas monistas ou as categorias *a priori* de conhecimento. Para o sociólogo, essas análises reforçam leituras de curto prazo, focadas no presente, como se as ciências fossem as mesmas desde sempre.

Decerto, Elias não estava muito interessado no antagonismo *ciência/senso comum*, mas sim em entender como surgiu essa diferenciação entre o que pode ser chamado de ciência e aquilo que não pode, pois ambas as formas de conhecimento não oferecem verdades eternas, mas sim maneiras de se orientar no mundo (Elias, 2007).

Esse acúmulo de conhecimento, proveniente de anos e anos de experiências e observações, permite o avanço dos saberes em sua forma científica, tal como conhecemos hoje. E se compararmos com períodos anteriores, vivemos uma inacabada fase de avanço e expansão do conhecimento humano, expansão que é vagarosa e imprevisível, como também em constante devir. Desse modo, podemos considerar o conhecimento como um *continuum* dentro de uma extensa variação de equilíbrios entre as representações da experiência de si, da autoimagem dos grupos, ou podemos também ver o conhecimento como um acúmulo de fantasias emotivas (Elias, 2008).

No que diz respeito às fantasias emotivas e sua relação com as formas de conhecimento, incluindo aí as formas científicas, Elias (2007) esclarece que ainda é difícil para os indivíduos estabelecerem um controle específico das emoções em relação ao conhecimento dos processos de mudança e desenvolvimento social, visto que sensações de vulnerabilidade e insegurança social podem atrapalhar a visibilidade do curso dos eventos de uma maneira mais calma e distanciada.

Nesse ponto, Ribeiro (2010) explica que, para o sociólogo alemão, a fantasia e a imaginação sempre tiveram muita influência na forma como elaboramos os nossos conhecimentos. Elias observa que essa situação ajudou na sobrevivência de muitos de nossos antepassados mais distantes. Para esses grupos, o conhecimento baseado em mitos auxiliou a ocupar o vazio da falta de sentido e explicação para alguns fenômenos da natureza (a chuva, a tempestade, o sol, etc.):

Os símbolos das fantasias são, muitas vezes, concebidos como irracionais e não pertencentes ao intelecto. No entanto, nos factos reais, a capacidade humana de imaginar coisas que não existem e acontecimentos que não ocorrem, e de comunicar sobre eles através de símbolos apropriados, encontra, na melhor das hipóteses, apenas traços residuais de uma equivalência no mundo animal. Ela é não só o pai e a mãe da arte, foi também e ainda é indispensável para a sobrevivência da humanidade desde que emergiu uma espécie biologicamente equipada em termos de orientação e de comunicação através do conhecimento aprendido. Os seus membros teriam desaparecido num mundo que, em grande parte, não conheciam e não podiam conhecer sem a capacidade de estabelecer um conhecimento imaginário e de comunicar sobre ele. Eles preencheram as lacunas do seu conhecimento congruente com a realidade através de um conhecimento baseado na fantasia (Elias, 1994:73).

Ambos os conhecimentos, baseados na realidade e na fantasia, existem de maneira complementar, de modo que um saber mais congruente se realiza a partir de uma comparação da fantasia com a realidade. Para Elias (2007), nosso conhecimento é um acúmulo de vivências, observações e indagações acerca do nosso próprio mundo.

O conhecimento tido como científico vai passar por essa diferenciação do que é fantasia e do que é mais real. Mas não só isso. Temos também as mudanças nos moldes das formas de organização da sociedade, como também suas formas de pensar. Por exemplo, quais foram as mudanças na estrutura social que permitiram a formação e o desenvolvimento de um pensamento considerado *científico*? Uma das formas que Elias buscou para responder essa pergunta foi trazer August Comte para esse debate e, dessa maneira, tentar compreender de forma sócio-histórica algumas das análises da concepção positivista no que diz respeito ao que pode ser considerado como conhecimento científico e como essa preocupação apareceu.

Para Elias (2005) nenhum cientista começa do nada, mas parte do ponto em que os outros passaram. Parte de um patrimônio social de conhecimento já existente. Assim, ao pensar acerca da tradição anterior, o filósofo Comte foi um dos primeiros a elaborar um conjunto analítico para se pensar a *sociedade*. O autor buscou justificar a unidade da história humana e social. Com isso, apresentou o modelo de uma ciência que analisa os fenômenos sociais ao sugerir a importância da conexão entre teoria e observação como modelo de todo trabalho científico.

Segundo Elias (2005), Comte mostrou que necessitamos de uma teoria para analisarmos qualquer fenômeno. Contudo, vale salientar, não se trata apenas de teoria pura ou então de apenas uma observação pura. O que Comte defendeu foi uma investigação dos fenômenos sociais a partir da combinação entre o empírico e o teórico, a observação e a interpretação.

De modo geral, Comte criticou a filosofia do século XVIII, cujos principais representantes chegavam a conclusões muitas vezes sem fatos empíricos. Mas acabou pagando o preço, lembra Elias, de ter sido esquecido justamente pelos seguidores dessa mesma tradição filosófica. A crítica de Comte seria para uma filosofia especulativa.

Comte (1978) entendeu que os fenômenos sociais não podiam ser explicados apenas em termos de fins ou tomando algumas pessoas isoladas. No entanto, nem sempre existiu essa preocupação com a ciência, pois, como diz o filósofo francês, o ser humano pensava de forma diferente durante cada período histórico. Com isso, Comte sugeriu que o pensamento humano se desenvolveu e passou por três fases: o pensamento teológico, metafísico e o pensamento positivo (ou científico). Sendo esse último o mais atual das ciências modernas. No entanto, o conhecimento científico só foi possível, só foi concebido, naquilo que antes era pensamento teológico:

O pensamento e o conhecimento humanos podem encarar-se de dois modos, utilizando-se diferentes estruturas conceituais. No primeiro, trata-se da concepção de pessoas individuais, cada uma das quais — por sua própria iniciativa e sem que a tal seja instigada — concebe a natureza como um mecanismo cego, automático, sem qualquer fim objetivo, mas funcionando, no entanto de acordo com princípios teóricos. Se rejeitarmos esta concepção, como Comte rejeitou, e se considerarmos o conhecimento humano como o produto final de um processo de evolução que abarca centenas, talvez milhares de gerações, dificilmente poderemos saber como a procura de um conhecimento científico se relaciona com o conhecimento pré-científico. Comte tentou estabelecer uma tipologia classificatória dos estados do desenvolvimento da humanidade. Nela assinalou que primeiro refletimos sobre a natureza inanimada, depois sobre a natureza animada e, finalmente, sobre as sociedades. (Elias, 2005:41).

Para Comte (1978) o cientista deve ficar afastado do pensamento teológico e metafísico e assumir o método positivo. A sociologia começava então a ganhar forma e deveria, antes de tudo, ser uma ciência relativamente autônoma.

Em suma, Elias reconhece esse argumento acerca da constituição social do pensamento e do conhecimento elaborado por Comte, mesmo não concordando de forma geral com a *física social* do filósofo francês, pois encontra nela alguns pressupostos mecanicistas. A proposta de Elias é diferente. De fato, chamou a atenção do sociólogo alemão o modo como Comte sugeriu que a sociologia deva analisar os fenômenos sociais em uma interdependência, a partir de um conjunto teórico e baseado em fatos empíricos e verificáveis.

Na verdade, Elias (2005) observa que Comte propôs sua teoria a partir de um fundo de conhecimento que estava disponível em sua época e buscou ir além. Comte percebeu que os métodos anteriores que pensavam a sociedade não eram muito adequados ou suficientes para tal tarefa. Suas análises pretendiam investigar os fenômenos sociais de uma forma ainda não realizada por nenhum filósofo. Por isso, a necessidade de entender as “leis” da sociedade e suas regularidades passou a ser algo que precisava de uma ciência para ter uma explicação mais clara e objetiva.

A quantidade de conhecimento sobre os fenômenos sociais no século XIX era tamanha que foi possível fazer algumas afirmações sobre leis e regularidades na sociedade. E mais: o desenvolvimento das sociedades europeias, no século XIX, acabou gerando demandas para se compreender e analisar a própria sociedade (Elias, 2006). Comte e Karl Marx, por exemplo, fazem parte desse processo social.

Eram pensadores que, apesar de pertencerem a configurações diferentes, tinham algo em comum: cada um tinha uma visão firme do futuro da humanidade, e isso representava o que eles queriam que a sociedade fosse ou como a sociedade deveria ser moralmente. Ou seja, mesmo se afastando do pensamento mágico-mítico, ainda era possível achar resquícios ou conotações

metafísicas nesses pensadores, como se suas teorias ainda fossem uma verdade final, um “*a priori*” (Elias, 2006).

Esse *a priori* é uma ideia proposta pelo filósofo alemão Kant. Sintetizando bastante o filósofo, podemos dizer que, para ele, os juízos *a priori* são a essência do pensamento. O conhecimento *a priori* é verdadeiro, enquanto os *a posteriori* são contingentes, podem acontecer ou não. Os juízos *a priori* são universais (Kant, 1990). É uma noção que sobreviveu no pensamento ocidental por muito tempo, comenta Elias (1992).

Por sinal, Elias apresenta uma análise que tem como base a crítica de uma filosofia da ciência que considera o conhecimento científico como conhecimento único e válido para toda orientação humana. Sobre isso, Elias sugeriu uma breve crítica a uma proposta de Kant, mais especificamente, as teorias baseadas nesse conhecimento *a priori*.

Um exemplo da leitura que Elias faz de Kant pode ser encontrado no texto *Sobre o tempo*. Aqui o sociólogo alemão comenta que o tempo não é um princípio *a priori*, como sugere Kant, mas sim uma construção social, proveniente de uma necessidade humana de se orientar, transformada em conhecimento de geração em geração (Elias, 1992).

Mas mesmo divergindo do filósofo alemão, e ainda feito uma leitura muito apressada de Kant, como sugere Maso (1995), Elias reconhece que, ao tentar entender como funcionam os processos históricos de produção do conhecimento e seu impacto nas nossas formas de entender os fenômenos do qual fizemos ou fazemos parte, a teoria kantiana tem considerável importância para a epistemologia.

O conhecimento é um aspecto do cotidiano, mesmo que as contingências não impeçam que ele sirva como orientação, ao contrário do que afirmou Kant sobre a universalidade do conhecimento *a priori*. Assim, Elias sustenta que o conhecimento compreenda seu próprio processo de desenvolvimento, que entenda as experiências do passado, sem o qual não existiria o atual estágio do conhecimento.

Elias (1992) explica que as pessoas adquirem conhecimento dentro das configurações das quais fazem parte. Essas disposições permitem ou não o acesso a determinado conhecimento, como também dependem de determinadas condições e fatores sociais conectados, tais como as capacidades inatas, o ambiente e o acúmulo de conhecimento das gerações anteriores, a posição de classe etc. Então, seguindo Elias, para entender o desenvolvimento dos *processos* de produção do conhecimento humano é necessário compreender seu processo, ou seja, o modo como se constituem e se entrelaçam as *configurações* e as estruturas sociais e de personalidade em determinado processo histórico.

Por isso, o problema apontado por Elias não é o fato de Kant desenvolver conceitos acerca do conhecimento humano e da razão. O interessante é que esse filósofo já compartilhava um patrimônio social de conhecimento. Suas especulações não surgiram do nada, elas fazem parte de um conjunto de conceitos que, de certa forma, já estavam à disposição e foram desenvolvidos ao longo de gerações. Mas é a partir dele, como tantos outros filósofos, que a perspectiva do conhecimento começou a romper barreiras estabelecidas pelo domínio de mitos ou dogmas religiosos e cada vez mais foi se afastando do pensamento fantasioso.

Para Elias, não se trata de descartar as filosofias de pilares das teorias modernas acerca do conhecimento, mas sim entendê-las como pertencentes a um contexto específico, em que foi necessário e possível um conhecimento como esse. As ideias não surgem do vazio, elas surgem de um fundo social de conhecimento, juntamente com uma estrutura social e de personalidade que permite o desenvolvimento dessas ideias. Esse parece ser um dos processos sociais que até então está conduzindo as modernas tradições de pensamento.

A variação dessas formas de conhecimento, como a crescente especialização de funções, ajudou a criar e ampliar a *sociologia*. E os pioneiros dessa ciência, como Comte, Marx e, mais tarde, Durkheim, Weber, entre outros, apesar de muitas diferenças teóricas, são produtos de um processo em que foram necessários novos aparatos conceituais para se analisar o *social* (Elias, 2006):

Na maioria dos casos, foram precisamente os membros das gerações mais velhas, que ainda não eram "profissionais", que foram canonizados em nossos dias como autoridades em sociologia. O que os levou para esse domínio foi decerto, muito frequentemente, o surgimento de uma multiplicidade de problemas novos na prática social devido à urbanização e à industrialização crescentes, problemas que a história, a economia e outras ciências sociais deixaram inexplorados, pois não se inseriam em seu modelo e não podiam ser tratados segundo os métodos tradicionais. Ao mesmo tempo, essas mutações sociológicas, nitidamente perceptíveis, impunham, aos cientistas despertos o suficiente para enxergá-los, uma missão de grande envergadura: elaborar uma teoria geral da sociedade humana, ou, mais exatamente, do desenvolvimento da humanidade, que pudesse servir de modelo para as diversas ciências dedicadas ao estudo da sociedade (Elias, 2001:145).

Ao considerar esse ponto, Elias entende que a crescente interdependência funcional entre pessoas tornou cada vez mais necessário o exame das singularidades dos processos sociais do conhecimento. Se pensarmos na atual maneira de abordar o progresso do conhecimento acerca da sociedade, veremos que são análises que muitas vezes são resumidas em períodos de pequena duração, e isso impede uma compreensão sobre as estruturas processuais, que exigem uma perspectiva de longo prazo. Para Elias (2007) é mais interessante falar dos processos de desenvolvimento social do conhecimento em termos processuais, principalmente refletindo sobre a conexão entre várias formas de saberes.

Com isso, Elias lembra que o conhecimento é o fruto de um longo processo de aprendizagem da humanidade, de modo que não é possível determinar o começo (Burke, 2012). Cada indivíduo, não importa qual seja sua valiosa contribuição científica, parte de um patrimônio de conhecimento já existente e acrescenta novos conhecimentos.

Nesse quesito, Elias (1994) sugeriu um ambicioso diálogo entre ciências sociais e ciências biológicas, argumentando que existe uma capacidade nos seres humanos que permite a aprendizagem, o armazenamento e reprodução de experiências, sem contar na transmissão de tais experiências de geração em geração.

Ou seja, o conhecimento é aprendido a partir de um complexo processo de interdependência entre vários fatores. Elias sugere que a sociologia faz parte de um processo socio-histórico sem um começo exato, não planejado ou estruturado, cuja ordem e a respectiva direção na sequência de sua mudança, podem ser estudadas, descritas e elucidadas a partir de uma perspectiva processual. Por isso, não se trata de dizer a data de nascimento da sociologia, nem descrever seu desenvolvimento como se fosse uma linha reta perfeita. Mas sim compreender suas condições de possibilidade enquanto ciência a partir de processos de longo prazo e da capacidade humana de aprender e desenvolver conhecimento. Finalizaremos a seguir.

49

Processos históricos de produção de conhecimento e a constituição da sociologia

Vimos que o desenvolvimento social do conhecimento como um processo é um fenômeno importante nas análises de Elias. E, ao buscar compreender as condições de possibilidade do aparecimento de uma ciência como a sociologia, o autor considera pouco eficaz a compreensão de aspectos do conhecimento a partir de perspectivas baseadas em modelos teológicos, metafísicos e até alguns antigos modelos mecanicistas advindos das ciências físicas. Para o sociólogo, o modelo mecanicista mantém ilusões de um determinismo e uma causalidade unilinear. De toda forma, como aponta Holzer (2010), essa não é uma perspectiva nova, pois é possível achá-la em Nietzsche, uma influência velada de Elias.

Nietzsche discordava bastante dos modelos mecanicistas quando pensava no fundamento das manifestações das atividades humanas. Pois, para o filósofo alemão, nossas sensações, vontades e o intelecto dependem bastante dos nossos juízos de valor; e esses juízos correspondem aos instintos e condição de existência deles (Nietzsche, 2008). Para Nietzsche, o que importa de fato são as relações de força entre vários elementos, as lutas de poder, a intensidade dessas forças em diversas relações. Um fenômeno humano demonstra necessariamente uma relação de forças, diz o filósofo.

Então, Nietzsche não está interessado em saber se um conhecimento é verdadeiro ou falso, mas sim na força de determinado conhecimento. A análise do conhecimento, proposta por Nietzsche, se preocupa em explicar se esse conhecimento é uma negação ou afirmação da vida (Machado, 1984). Nietzsche pergunta: a serviço de quem está determinado conhecimento? Ao formular nossas teorias, não estaríamos apenas isolando algumas perspectivas de um movimento sempre contínuo? (Nietzsche, 2017).

Tal como Nietzsche, Elias está interessado em uma perspectiva relacional para esclarecer o processo de desenvolvimento do conhecimento humano. O sociólogo esclarece, por exemplo, a relação entre *cultura* e *natureza* de forma a demonstrar que o conhecimento humano é advindo de uma relação funcional que se desenvolve ao longo de gerações. É um processo que deixa marcas no corpo, daí uma semelhança com a percepção de Nietzsche.

Contudo, Elias vai muito mais longe que Nietzsche. Em grande medida, o filósofo alemão estaria preocupado em propor um instrumento conceitual para uma crítica radical dos valores da sociedade moderna. Elias, por sua vez, propõe uma análise processual para compreender os processos históricos e sociais de desenvolvimento do conhecimento, seja ele científico ou não. Sem contar que, para Elias, a relação entre pessoas não se resume a uma relação de forças, mas sim uma série de fatores interligados e a força seria apenas um desses fatores.

Com isso, Elias (2007) entende que a passagem de conhecimentos de geração em geração é (com o fundo social de conhecimento) oriunda de uma capacidade estrutural e inata humana de produzir, mudar e transmitir esses saberes. Assim, existe em nós uma capacidade de caráter biológico e ela só pode ser desenvolvida no meio social. Nosso potencial de comunicação e linguagem é um potencial que só pode ser aprendido e ativado por um processo de aprendizagem individual.

Nesse ponto, Elias sugere que a obtenção da linguagem, base da orientação das pessoas no mundo social, é um longo processo de entrelaçamento entre pelo menos três processos diferentes: o social, o individual e o biológico. São processos inseparáveis. Assim, vemos cada vez mais o crescimento do conhecimento congruente com a realidade. Mas, isso não é tudo.

Segundo Elias (2007), as pessoas elaboram seus conhecimentos conforme questionamentos e problemas em lidar com aquilo que elas não conhecem ou ainda não têm uma resposta satisfatória. Tal atitude é uma maneira de se orientar no meio social. O desconhecido precisa mudar de estatuto e passar a ser conhecido, pois pode acarretar angústias caso isso não ocorra. Em suma, essa capacidade de síntese e de buscar conhecer é ativada por meio das experiências e da convivência entre indivíduos interdependentes. Por isso, sem a convivência e o

acúmulo de experiências, nossa capacidade de síntese e aprendizagem permaneceria estagnada. Ninguém nasce sabendo.

Ocasionalmente, a cultura combate a natureza e a natureza combate a sociedade, mas pode ser útil lembrar de novo que as características individuais básicas da natureza humana se desenvolvem apenas através da vida em conjunto com outros, através da vida em sociedade. A concatenação de um processo biológico, de um processo social e de um processo individual, que é a condição para a capacidade humana de falar, é um exemplo manifesto do entrelaçamento de um processo biológico, de um processo social e de um processo individual num dos pontos de viragem de uma vida humana (Elias, 1994:128).

Ao pensar na capacidade de síntese e produção de conhecimento, Elias comenta que a tradição científica e filosófica apresenta o conhecimento congruente com a realidade e o conhecimento baseado em fantasias como sendo antagônicos, mas se olharmos os processos de desenvolvimento do conhecimento em seu contexto de contínua ampliação, perceberemos proximidades entre essas duas formas de saber. Elias demonstra que são amostras de uma mesma etapa do desenvolvimento social. É suficiente lembrar que antigamente muitas comunidades regulavam seu comportamento de acordo com as fantasias, os mitos etc.

Daí a sugestão do autor de uma sociologia do conhecimento que analisa e explica as mudanças de uma situação histórica e social de predomínio das fantasias para uma de maior congruência com a realidade (Ribeiro, 2010), visto que os símbolos criados pelos grupos humanos mudam de uma sociedade para outra. As línguas não são sempre as mesmas, têm seu significado modificado e diversificado no decorrer dos anos e dos tipos de configuração que as pessoas formam umas com as outras. Desse modo, a forma como adquirimos o conhecimento é um processo que não tem propriamente um começo, meio e fim. Mas tem direções específicas que se estabelecem conforme mudam as estruturas das relações humanas.

Por isso, para Elias (1994) os processos de produção de conhecimento sempre estarão ligados aos tipos de estruturas sociais e psicológicas. O autor mostra que existe uma historicidade da capacidade de simbolização dos seres humanos, junto ao fato da prevalência de uma perspectiva de longo prazo acerca da transformação das coerções externas em coerções internas.

Segundo Mennell (1992), o que Elias pretende explicar com a análise do conhecimento é também um complemento de suas análises do processo civilizador, de uma teoria que examina os processos sociais e o desenvolvimento social. Um pensamento acerca das dinâmicas de longo prazo das sociedades. É como se fosse uma lente de aumento para observar lógicas sociais que encontramos em toda parte. Essa perspectiva é ela mesma de natureza socio-histórica. Com efeito, o interesse do sociólogo alemão é utilizar os processos históricos como suporte para a

elaboração de modelos de transformações que podem receber outra leitura, conforme surjam outras perspectivas ou novos materiais de análise.

Desse modo, a singularidade de um fenômeno como o conhecimento pode ser explicado a partir de vários outros fatores interligados e que podem ser analisados em seu conjunto, tais como uma compreensão da ordem das divisões ou aumento de funções sociais, o crescimento e desenvolvimento do Estado moderno, o aumento de poder de uma parte significativa da sociedade, os processos de industrialização e democratização, estreitamento ou ampliação das interconexões e reforço do autocontrole enquanto prática cotidiana, etc. Logo, a interiorização das coerções e o controle das emoções, fator essencial do processo civilizatório, aumentam as possibilidades de distanciamento na observação de um fenômeno, situação essa da qual dependem a constituição e produção do pensamento científico. Segundo o autor, a gênese da racionalidade crescente e o relaxamento de comportamentos antes proibidos representam uma longa e complicada mudança, um processo social (Elias, 2005).

Seguindo esse raciocínio, não é de estranhar a crítica que Elias dirige a boa parte da filosofia das ciências e do conhecimento.

O problema básico da epistemologia correspondeu a essa forma de autoconsciência humana. Tomou como ponto de partida a condição absoluta conferida ao momento de autodesprendimento que faz parte do ato de cognição naquilo a que chamamos o estágio “científico” do desenvolvimento. Baseou-se na noção de um sujeito cognoscente em oposição ao mundo dos objetos cognoscíveis, do qual ele seria separado por um vasto divisor. O problema era saber como o sujeito poderia adquirir um conhecimento seguro dos objetos através desse divisor. As respostas variaram (Elias, 1996:91-92).

52

Nesse quesito, Elias (2007) aponta que um dos principais problemas da epistemologia moderna é: como um indivíduo pode *saber* de forma objetiva, quando seu conhecimento sobre o mundo é organizado por constantes envolvimento pessoais nesse mesmo conhecimento? Para o sociólogo, muitos filósofos elaboraram um conjunto de teorias de forma bastante envolvida e até apaixonada.

O autor nota que esse acontecimento também podia ser observado nos saberes que originaram as ciências da natureza. Mas no decorrer dos últimos trezentos anos, e com o nascimento da *biologia*, *química* e *física*, cada vez mais os indivíduos foram se afastando do pensamento mágico-mítico e se voltando para um pensamento mais organizado e ligado a observações menos apaixonadas dos chamados fenômenos naturais. A sociologia também seguiu esse percurso?

Visto a partir desse prisma, a sociologia vai surgir em um momento em que as análises sobre os indivíduos e a sociedade começam a pedir um método científico distante do pensamento mágico-mítico. Seguindo um processo histórico em que os saberes começam a se diferenciar e

tornam-se especialidades, um saber como a sociologia ganha o contorno de ciência em um momento de maior autocontrole e de aquisição de conhecimento a longo prazo. Assim, no século XIX principalmente, o *social* passa a ser um problema a ser analisado a partir de um patrimônio social de conhecimento existente.

Por isso, Elias (2006) argumenta que o avanço do conhecimento em sua forma mais científica é uma parte da fase de expansão do conhecimento humano. Essa expansão é lenta e errática, mas cumulativa e sempre em movimento. A sociologia faz parte desse processo intermitente e mostra que o saber humano é volúvel, inconstante e passível de mudanças. Ao mesmo tempo, esse tipo de saber ainda envolve uma aproximação muito forte entre observador e objeto.

Daí a dificuldade, segundo Elias, dos sociólogos e sociólogas se distanciarem dos seus objetos de estudo. Afinal, como ele próprio observa: os “objetos” das ciências sociais também têm a ver com “sujeitos” (Elias, 2007).

Elias se interessou bastante pela aproximação do cientista com seu objeto de estudo e a constante confusão entre o que é uma análise científica e o que é representação ou projeção das próprias ideias da época. Nesse ponto, o autor esclarece que o objeto da sociologia não é apenas a “sociedade”, mas também as várias configurações que indivíduos interligados formam entre si. Desse modo, esse tipo de saber propõe analisar os vários aspectos das ações de pessoas interconectadas e as formas dessas interconexões, das diversas estruturas da sociedade. Por isso, conforme mostra o autor, podemos considerar que o conhecimento é um *continuum* dentro de uma ampla variação de equilíbrios entre diversas representações da experiência de si e da autoimagem dos grupos (Elias, 2008).

Destarte, é comum que o conhecimento sociológico, lá no início, tivesse também um alto conteúdo de envolvimento pessoal e fantasias emotivas. Saberes que refletiam fortemente algum aspecto da autoimagem dos grupos que produzem o conhecimento. Contudo, Elias (2007) observa que esse comportamento foi perdendo força com o tempo, mesmo não desaparecendo por completo. Desse modo, o autor argumenta que a sociologia analisa, com envolvimento pessoal ou não, o que os indivíduos significam para eles mesmos em inúmeras circunstâncias históricas e sociais.

De fato, podem até existir alguns momentos de ruptura entre as épocas históricas. No entanto, pode ser promissor falar em continuidades entre épocas, entre saberes que persistem ou se transformam em certas práticas que permanecem, ou não. Para Elias, conforme aponta Burke (2012), é necessário compreender que tipos de configurações e formas específicas de saber são constituídos para assim analisar melhor o processo e as maneiras pelas quais alguns saberes

desaparecem ou mudam de configuração, visto que os processos socio-históricos de desenvolvimento do conhecimento não seguem um planejamento já posto *a priori*. Contudo, isso não significa dizer que eles não tenham ligação ou uma continuidade em determinada configuração social.

De forma similar, Koyré (1957) já dizia que nem sempre o valor técnico de uma ciência é fundamental para seu sucesso na história das ciências, pois sempre existirão vários fatores externos e internos na aceitação e rejeição de uma teoria. Por conseguinte, Koyré argumenta que podem existir certos elementos comuns entre as épocas epistemológicas, ou seja, alguns saberes mais recentes podem combinar aquilo que tinha sido esquecido ou até mesmo rejeitado anteriormente. Assim sendo, seria possível admitir uma visão mais heterogênea entre as épocas, visto que um determinado momento histórico pode articular elementos prévios ou simplesmente excluídos. Considerando esse ponto, Elias propõe uma análise do conhecimento que considere os processos históricos, os tipos de configurações em que os saberes são formulados, aceitos e rejeitados, com as relações de interdependência entre indivíduos e grupos.

Nesse quesito, ao analisar a formação de saberes entre as épocas, um autor como Foucault (1999) já afirmava que as ciências humanas têm como proposta examinar os significados do “homem” para si mesmo. As ciências que nasciam na *episteme* moderna, economia, filologia e a biologia, analisam o *trabalho*, a *linguagem* e a *vida* em si mesmos, e não o que representam para os indivíduos. Consequentemente, não é possível existir, por exemplo, uma *biologia da biologia*. Contudo, saberes como a sociologia investigam as maneiras dadas de uma significação em seus próprios processos e atividades de análise e pesquisa. Desse modo, esses saberes são constantemente autocríticos, pois, na medida em que analisam um conjunto de significações associadas aos indivíduos, na mesma hora apresentam-no como superfície de algum sentido mais elementar ou “profundo”. Como se essas ciências fossem desmistificadoras da consciência humana. Nesse aspecto, seriam as ciências sociais uma espécie de autoilusão?

Sim e *Não*, provavelmente diria Elias. *Sim*, se consideramos a produção científica como produto das próprias crenças, valores e vontades do cientista. Nesse caso, várias teorias sobre os indivíduos e o mundo social correrão um sério risco de ser apenas uma projeção de suas próprias visões de mundo ou de mergulhar em um profundo anacronismo. *Não*, se considerarmos a produção científica como um resultado da observação, dos indivíduos e do mundo social, mais ou menos independente da vontade e dos valores do cientista. Aqui, Elias traz as sugestões de Max Weber acerca da neutralidade axiológica, pois, não se trata do cientista abandonar seus valores, mas o problema pode ser aplicar seus valores nas análises dos fenômenos sociais.

Por esse motivo, Elias (2008) comenta que a aquisição do conhecimento é um processo que depende de certas condições e circunstâncias, visto que supera a duração de uma vida e a capacidade de descobertas dos indivíduos. O equilíbrio de poder entre objetos e os indivíduos portadores de conhecimento podem variar bastante em situações sociais das mais complexas. Essas variações fazem toda a diferença em relação ao caráter e as formas de conhecimento que dispomos. Assim, o conhecimento se desenvolve ao longo das gerações bem como é passado para os outros na medida em que se desenvolve e ganha força em determinada configuração social. O conhecimento é um devir.

Considerações finais

O conjunto da obra de Elias proporciona possibilidades de análise e lança perspectivas sobre vários problemas sociais. Porém, todos preparados e guiados pela abordagem que considera os conceitos como *processo* e *configuração*. E isso não seria diferente ao tentar compreender os processos históricos e sociais de produção do conhecimento.

A pesquisa de Elias apresenta um procedimento pautado na perspectiva de interdependência e mudança social. O autor afirma que os problemas sociológicos devem estar interligados com as suposições teóricas sobre as mudanças na estrutura das sociedades. Ao considerar a teoria dos processos e configurações, o sociólogo alemão separa o material necessário para o preparo de modelos teóricos flexíveis que reflitam acerca das singularidades históricas e sociais.

Com nosso texto, esperamos ter demonstrado como o autor entende as condições de possibilidade do conhecimento sociológico, seja na sociedade ou nos próprios indivíduos. Sua própria análise é resultado de um processo socio-histórico. Também esperamos ter exposto que, para o autor, a sociologia surgiu em uma sucessão de necessidades específicas de se compreender a sociedade de indivíduos. O momento histórico e social em que esse tipo de saber aparece é bastante propício. Dificilmente teriam surgido na antiguidade ou até mesmo na idade média, pois não existiam condições nem um patrimônio social de conhecimento suficiente. Para Elias, é a soma, o conjunto, a relação de poder e balança entre diversos tipos de conhecimento em intermitentes processos de longa duração, com uma estrutura social específica e a capacidade humana de aprendizado, que propicia o aparecimento de uma ciência como a sociologia.

Para o autor, o sinal de que o passado pode ser algo estranho para nós, é uma sugestão que muita coisa mudou de uma época a outra: as estruturas das relações entre pessoas. Perceber esse processo como um percurso de longo prazo, apesar de intensas mudanças sociais e rupturas, é

um dos pontos que Elias nos oferece acerca do debate sobre a constituição do nosso conhecimento científico e da sociologia.

Referências

- BACHELARD, Gaston (1996), *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas (1978), *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU, Pierre (2004), *Science of science and reflexivity*. Cambridge, Polity.
- BURKE, Peter (2012), “Norbert Elias and the social history of knowledge”. *Human Figurations*, v. 1, n. 1 [Consult. 09-08-2019]. Disponível em <http://hdl.handle.net/2027/spo.11217607.0001.102>
- COMTE, Auguste (1978), *Curso de filosofia positiva*. São Paulo, Abril Cultural.
- ELIAS, Norbert (1990), *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ELIAS, Norbert (1992), *Time: an essay*. Oxford, Blackwell.
- ELIAS, Norbert (1994), *Teoria simbólica*. Oeiras, Celta.
- ELIAS, Norbert (1996), *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ELIAS, Norbert (2001a), *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Elias, Norbert (2001b), *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ELIAS, Norbert (2005), *Introdução à sociologia*. Lisboa, Edições 70.
- ELIAS, Norbert (2006), *Escritos & ensaios*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ELIAS, Norbert (2007), *Involvement and detachment*. Dublin, Dublin Press.
- ELIAS, Norbert (2008), “Sociologia do conhecimento: novas perspectivas”. *Sociedade e Estado*, v. 23, n. 3. pp. 515-554 [Consult. 12-09-2019]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/hB9rvxgMHDSM9q3SVyTZ5gC/?lang=pt>
- FOUCAULT, Michel (1999), *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel (2009), *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense.
- GUSMÃO, Luís (2011). “A crítica da epistemologia na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim”. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 1, pp. 221-239 [Consult. 07-11-2019]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/G7TzbQJ9XR96Yf6PThpCdbv/?lang=pt>
- HEINICH, Nathalie (2001), *A sociologia de Norbert Elias*. Baurú, EDUSC.
- HOLZER, Angela (2010), “Philosoph der Kultur und des Krieges: Zur Nietzsche-Rezeption von Norbert Elias”, in A. Holzer e E. Muller (Orgs.), *Zur Genealogie des Zivilisationsprozesses: Friedrich Nietzsche und Norbert Elias*. Berlin, Walter de Gruyter.

- JOLY, Marc (2012), *Devenir Norbert Elias*. Paris, Fayard.
- KANT, Immanuel(1990), *Critique of pure reason*. London, Macmillan.
- KILMINSTER, Richard (2007), *Norbert Elias: post-philosophical sociology*. London, Routledge.
- KILMINSTER, Richard (2013), “Norbert Elias and Karl Mannheim: Contrasting Perspectives on the Sociology of Knowledge”, in F. Dépelteau e T. Landini (Orgs.), *Norbert Elias and Social Theory*. New York, Palgrave Macmillan.
- KOYRÉ, Alexandre (1957), *From the closed world to the infinite universe*. Baltimore, Baltimore.
- KUHN, Thomas (1962), *The structure of scientific revolutions*. Chicago, Chicago Press.
- LAYDER, Derek (1986), “Social reality as figuration: A critique of Elias's conception of sociological analysis”. *Sociology*, v. 20, n. 3, pp. 367-386 [Consult. 02-10-2020]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038586020003006>
- MACHADO, Roberto (1984), *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro, Rocco.
- MANNHEIM, Karl (1972), *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MASO, Benjo (1995). “Elias and the neo-kantians: intellectual backgrounds of the civilizing process”. *Theory, Culture & Society*, v. 12, n. 3, pp. 43-79 [Consult. 04-10-2020]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/026327695012003003>
- MENNELL, Stephen (1992), *Norbert Elias: an introduction*. Oxford, Basil Blackwell.
- NIETZSCHE, Friedrich (2008), *Humano, demasiado humano*. São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich (2017), *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das Letras.
- POPPER, Karl (1959), *The Logic of Scientific Discovery*. London, Hutchinson.
- QUINTANEIRO, Tania (2010), *Processo civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias*. Belo Horizonte, Argvmentvm.
- RIBEIRO, Luci (2010), *Processo e figuração: um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias*. Tese (Doutorado em sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 273 p.
- RIBEIRO, Luci (2017), “Processo social e figuração em Norbert Elias”, in C. E. Sell e C. B. Martins, (Orgs), *Teoria Sociológica Contemporânea: autores e perspectivas*. São Paulo, Annablume.
- ROJEK, Chris (1986), “Problems of involvement and detachment in the writings of Norbert Elias”. *British Journal of Sociology*, pp. 584-596 [Consult. 10-10-2020]. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/590719>
- SMITH, Dennis (2001), *Norbert Elias and modern social theory*. Lodon, Sage.
- VAN KRIEKEN, Robert (2005), *Norbert Elias*. London, Routledge.

Abstract

This text analyzes how Norbert Elias thinks about the influence of the processes of social development of knowledge in the constitution of sociology. We follow three steps. First, we demonstrate the concept of Process in Elias. Afterwards, we verify how the author understands the constitution of sociology. In the end, we show the relationship between the historical processes of knowledge production and the constitution of sociology. Here we will highlight the importance, according to Elias, of the evolution of knowledge with the long-term dynamics of social development and, also, of the composition of sociology as a relatively autonomous science. We start from the perspective that, for Elias, the constantly expanding social patrimony of knowledge enabled an adequate scientific method to analyze society. We use bibliographic research as a methodology. Thus, we will research a little explored point in Elias' works.

Keywords: Norbert Elias; knowledge; process; sociogenesis.

Resumen

Este texto analiza cómo piensa Norbert Elias sobre la influencia de los procesos de desarrollo social del conocimiento en la constitución de la sociología. Seguimos tres pasos. Primero, demostramos el concepto de Proceso en Elias. Posteriormente, verificamos cómo el autor entiende la constitución de la sociología. Al final, mostramos la relación entre los procesos históricos de producción de conocimiento y la constitución de la sociología. Aquí destacaremos la importancia, según Elias, de la evolución del conocimiento con la dinámica de largo plazo del desarrollo social y, también, de la composición de la sociología como ciencia relativamente autónoma. Partimos de la perspectiva de que, para Elias, el patrimonio social del conocimiento en constante expansión posibilitó un método científico adecuado para analizar la sociedad. Utilizamos la investigación bibliográfica como metodología. Por lo tanto, investigaremos un pequeño punto explorado en las obras de Elias.

Palabras clave: Norbert Elias; conocimiento; proceso; sociogénesis.
